

## Ficar Bem na Fotografia. A Visita Régia ao Funchal (1901)

### Looking Good in the Picture. The Royal Visit to Funchal (1901)

Ana Paula Almeida<sup>1</sup>

#### Resumo

Em junho de 1901, os monarcas portugueses – D. Carlos I e D. Amélia de Orleães – deslocaram-se ao arquipélago da Madeira, naquela que seria a única visita régia oficial a esta região. Para a ocasião, os preparativos foram muitos: as ruas enfeitaram-se com flores, as janelas e as varandas iluminaram-se, o palácio de S. Lourenço sofreu alterações, prepararam-se receções em terra e no mar...

A visita foi bem documentada por fotógrafos, profissionais e amadores, madeirenses, nacionais e estrangeiros que se deslocaram à Madeira. A aceitação da fotografia por parte dos reis, apreciadores e praticantes, facilitou na obtenção de uma boa coleção de imagens que fazem parte do espólio do Arquivo e Biblioteca da Madeira (ABM).

É nossa proposta analisar a visita régia tendo como fontes a imprensa e a fotografia, uma inovação na época e usada como documento histórico desde meados do século XX. As imagens analisadas fazem parte de uma coleção composta por inúmeras fotografias de autorias várias e que documentam diferentes momentos da visita.

**Palavras-chave:** Visita Régia; Funchal; Fotografia; Bilhete Postal.

---

<sup>1</sup> Licenciada em História e Ciências Sociais pela Universidade do Minho. Mestre em Arte e Património pela Universidade da Madeira com apresentação da dissertação *Lugares e Pessoas do Cinema na Madeira – Apontamento para a História do Cinema na Madeira de 1897 a 1930* (editada em 2010 pelo Centro de Estudos de História do Atlântico). É membro colaborador do Centro de Investigação em Estudos Regionais e Locais – Universidade da Madeira. É professora do Quadro de Escola da Escola Básica dos 2.º e 3.º Ciclos da Torre, Câmara de Lobos. Contacto eletrónico: [anaptameida@gmail.com](mailto:anaptameida@gmail.com).

### **Abstract**

In June 1901, Portuguese monarchs – D. Carlos I and D. Amélia de Orleães – traveled to Madeira Island, the only official royal visit to this region. For this special moment, there were many arrangements: the streets were decorated with flowers, the windows and balconies were lit up, the S. Lourenço Palace underwent alterations, welcome receptions were prepared on land and at sea...

The visit was well documented by photographers, professionals and amateurs, residents and foreigners who traveled to the Island. The acceptance of photography by the monarchs, who were connoisseurs and practitioners, made it easier to obtain a good collection of images that are part of the heritage of the Madeira Archives and Library (ABM).

It is our proposal to analyze the royal visit using, as information sources, the press and photography, an innovation at that time and used as a historical document since the mid-20<sup>th</sup> century. The analyzed images are part of a collection made up of numerous photographs by different authors that document different moments of the visit.

**Keywords:** Royal Visit; Funchal; Photography; Postcard.

## **A Visita Régia**

Em junho de 1901, os reis D. Carlos I (1863-1908) e D. Amélia de Orleães (1865-1951) visitaram os arquipélagos da Madeira<sup>2</sup> e dos Açores. Organizada por Hintze Ribeiro, esta foi a única deslocação oficial realizada por reis portugueses a estas ilhas atlânticas. *O Diário do Comércio* regozijava-se por, após cinco séculos, um rei se ter «dignado vir vêr com seus propios olhos esta ilha que tem conquistado em todo o mundo fôros de ninho confortavel e hospitaleiro, d’habitantes bondosos e affaveis e de surprehendedentes aspectos e bellezas naturaes»<sup>3</sup>.

Embora se tenham esbatido as bandeiras políticas e ensarilhado as armas de combate partidário por respeito, simpatia e agradecimento<sup>4</sup>, a visita régia fez-se num contexto político muito particular: nas ilhas surgiam importantes ideias

---

<sup>2</sup> Neste arquipélago, a visita, que decorreu entre 22 e 25 de junho, limitou-se ao Funchal. No Porto Santo, a primeira paragem, as autoridades locais dirigiram-se a bordo do *D. Carlos* para cumprimentar os reis, que não saíram da embarcação. Na Madeira, os monarcas não se deslocaram a outras localidades, por falta de tempo e pelo mau estado das estradas, como se verá, ao longo do texto.

<sup>3</sup> «Bem vindos os nossos Reis», 23-06-1901, in *O Diário do Comércio*, p. 1.

<sup>4</sup> «A visita de Suas Magestades», 22-06-1901, in *O Diário do Comércio*, p. 1.

autonomistas. A visita marcaria, segundo a imprensa da época, um período de prosperidade e engrandecimento, isto porque, dias antes fora firmado o decreto que concedia a autonomia administrativa à Madeira<sup>5</sup>. Neste contexto, no dia 14 de junho de 1901, chegou ao Funchal o novo governador civil, José Ribeiro da Cunha<sup>6</sup>.

Mais do que um ato de política interna, e tendo um significado simbólico, esta visita às ilhas inscreveu-se no jogo das relações internacionais. Foi uma forma de reafirmar a soberania portuguesa nas ilhas e mostrar que Portugal estava consciente da localização estratégica dos arquipélagos atlânticos, bem como da cobiça por parte de outros países<sup>7</sup>. Os fortes ímpetos imperialistas e as pretensões de várias nações europeias em África colidiam com os interesses portugueses. «O país, detentor de apetecíveis e consideráveis colónias, sofreu humilhantes ingerências estrangeiras, valendo em algumas situações as relações de amizade do rei-diplomata, que lhe granjearam uma notável posição entre os monarcas do seu tempo»<sup>8</sup>.

Assim, D. Carlos fez-se acompanhar das mais recentes aquisições da marinha nacional. Por seu lado, o Reino Unido não hesitou em enviar um esquadrão até à Madeira e aos Açores. A frota real foi escoltada por embarcações estrangeiras, nomeadamente inglesas e espanholas. Registou-se, também, «a presença de jornalistas de outras nações, como os correspondentes de *O Fígaro*, de Paris, entre outros, atestam o interesse internacional por esta visita»<sup>9</sup>.

Neste contexto, em todas as escalas e dada a presença de oficiais estrangeiros, particularmente no Funchal onde a colónia britânica era muito marcante e se associou com grande entusiasmo às manifestações<sup>10</sup>, houve lugar a discursos exaltando a amizade luso-inglesa<sup>11</sup>. Por sua vez,

---

<sup>5</sup> «A visita de Suas Magestades», 22-06-1901, in *O Diário do Comércio*, p. 1.

<sup>6</sup> «A chegada do sr. José Ribeiro da Cunha, novo governador civil do Funchal – Recepção imponente», 15-06-1901, in *Diário de Notícias*, p. 1.

<sup>7</sup> TELO, António José, 1993, *Os Açores e o Controlo do Atlântico*, Porto, ASA, p. 46, *apud* CORDEIRO, 2001, «Nos Bastidores da Visita Régia. Decadentismo e tensões autonomistas», p. 16.

<sup>8</sup> SILVA, 2009, «Em Torno da Visita Régia de 1901 aos Arquipélagos da Madeira e dos Açores», p. 165.

<sup>9</sup> SILVA, 2001, «Achegas para outras Leituras da Visita Régia ao Arquipélago dos Açores», p. 21.

<sup>10</sup> «Viagem Regia», 04-07-1901, in *Diário Popular*, p. 1.

<sup>11</sup> PAILLER, Jean, 2002, *D. Carlos I, Rei de Portugal. Destino maldito de um rei sacrificado*, Lisboa, Bertrand, p. 128, *apud* SILVA, 2009, «Em Torno da Visita Régia de 1901 aos Arquipélagos da Madeira e dos Açores», p. 166.

«Em mensagem dirigida a D. Carlos, por esta comunidade, na grandiosa recepção oferecida na Quinta do Palheiro, foi salientada a respeitosa devoção à pessoa do rei e à sua dinastia, agradecendo a hospitalidade que há mais de 250 anos a Coroa portuguesa dispensava aos súbditos ingleses nos seus territórios, como era o caso da ilha da Madeira»<sup>12</sup>.

Durante a permanência dos reis pouco se revelou das necessidades e das falhas existentes nas ilhas. Houve mesmo algumas atividades canceladas por não estarem reunidas todas as condições, como a ida dos monarcas a Santa Cruz, Santo António da Serra e Machico. Isto «porque tal passeio seria em demasia fatigante para os Augustos Visitantes, por falta de boas estradas, o que obrigaria a uma longa jornada a cavallo ou em rede por pessimos caminhos e ladeiras ingremes»<sup>13</sup>.

Os melhoramentos efetuados, embora fossem há muito pedidos, ficaram a dever-se à visita<sup>14</sup>. O *Diário de Notícias* lamentava que

«nem a solemnidade da ocasião nem a exiguidade do tempo, em que aqui se demoram s. ex.<sup>as</sup> lhes permitam percorrer a ilha, vendo o atrazo dos seus canaes de irrigação, o estado rudimentar e deplorabilissimo das suas estradas [...] e a necessidade de se protegerem as industrias madeirenses, mormente a agricola. / De tudo isto, não é possivel fazer-se uma ideia aproximada pelo aspecto occasional da cidade do Funchal, de mais a mais vista attravez da sua *toilette* de gala, dos arcos do triumpho, dos corymbos de flores, das illuminações electricas, dos hymnos festivos das philarmonicas e das acclamações populares»<sup>15</sup>.

Efetivamente, o Funchal “vestiu-se” de gala. As decorações de flores e a iluminação abundavam por toda a cidade. Segundo o *Diário de Notícias*, as ornamentações gerais «devem produzir um effeito lindissimo. / Muitos predios de particulares nacionaes e estrangeiros apresentam-se embandeirados e vão illuminar profusamente. / Reina já grande animação. / O Funchal prepara-se para receber bizarra e brilhantemente os seus Reis»<sup>16</sup>.

Os reis ficaram instalados no palácio de S. Lourenço<sup>17</sup>, à data residência das autoridades superiores do distrito, governador civil e comandante militar, tendo sido necessário proceder a alterações:

<sup>12</sup> SILVA, 2009, «Em Torno da Visita Régia de 1901 aos Arquipélagos da Madeira e dos Açores», p. 166.

<sup>13</sup> «Recepção de Suas Magestades», 17-06-1901, in *Diário de Notícias*, p. 2.

<sup>14</sup> SILVA, 2001, «Achegas para outras Leituras da Visita Régia ao Arquipélago dos Açores», p. 29.

<sup>15</sup> «Assumptos Geraes – Viagem Regia», 21-06-1901, in *Diário de Notícias*, p. 1.

<sup>16</sup> «Recepção de Suas Magestades», 22-06-1901, in *Diário de Notícias*, p. 2.

<sup>17</sup> CARITA, 1998; SILVEIRA, 2006, «Palácio de S. Lourenço / Forte de S. Lourenço».



«Na parte destinada ao governador civil, lado oeste, estavam os aposentos para Suas Majestades, e na outra parte, a destinada ao commandante militar, lado este, eram os aposentos para os ministros, camaristas, ajudantes de campo, etc. / Todo o Palacio tinha, antecipadamente, passado por uma transformação completa e que difficilmente deixava reconhecer n'elle o antigo *S. Lourenço*. Não estava, talvez, luxuosamente mobilado, porém, uma artistica elegancia, com perfeição inexcedível, supria admiravelmente o luxo pesado e muitas vezes d'uma monotonia detestavel»<sup>18</sup>.

Foi criada uma sala do trono. Numa das maiores salas do palácio foi posto um dossel branco e dourado – estilo Império, trabalho em talha, executado pelo mestre das oficinas da Escola Industrial, Francisco Franco de Sousa – e um estrado sobre o qual foram colocadas duas cadeiras «do mais puro estylo da primeira metade do seculo XVIII»<sup>19</sup>. Na sala contígua, devidamente reparada, ficava a sala particular do rei. Por sua vez, os aposentos da rainha compunham-se de três espaços: sala particular, quarto de dormir e *toilette*. O espaço foi do agrado da rainha, que o caracterizou de «Boa instalação sobre o mar, vista esplêndida»<sup>20</sup>.

Na chegada, sábado, dia 22 de junho, enquanto navegavam pela costa sul da Madeira, vindos do Porto Santo, os monarcas foram surpreendidos pelos habitantes dos concelhos de Machico e Santa Cruz que prepararam «uma grande manifestação de sympathia, por ocasião da passagem da divisão naval de Suas Magestades, fazendo subir ao ar girandolas de foguetes e dando salvas de granadas, nos logares mais altos dos mesmos concelhos, desde Machico até ao Garajau»<sup>21</sup>. Muitos barcos foram ao encontro dos reis, levando grande número de pessoas para saudá-los e queimar fogo-de-artifício. Na baía do Funchal, as muitas embarcações estavam embandeiradas e havia girandolas de foguetes. «De bordo dos vapores costeiros sahiam verdadeiras torrentes de flôres, alvejando o cruzador *D. Carlos*»<sup>22</sup>.

---

<sup>18</sup> «Viagem Régia», 11-08-1901, in *Revista Madeirense*, p. 309.

<sup>19</sup> «Viagem Régia», 11-08-1901, in *Revista Madeirense*, p. 310.

<sup>20</sup> Coleção Rémi Fénérol, *Diário de 1901*, 22 de junho, apud RIBEIRO, 2013, *Rainha D. Amélia. Uma Biografia*, p. 91.

<sup>21</sup> «Recepção de Suas Magestades», 22-06-1901, in *Diário de Notícias*, p. 2.

<sup>22</sup> NOBREGA, 1901, *A Visita de Suas Magestades os Reis de Portugal ao Archipelago Madeirense* [...], p. 19.

Imagem I – Escaler real com os reis D. Carlos de Bragança e D. Maria Amélia dirigindo-se para o cais do Funchal



Fonte: ABM, Photographia Vicente, n.º inv. 13198.

No cais do Funchal fora montado um arco do triunfo decorado com flores e buxo, rematado com uma grande coroa dourada, onde podia ler-se: «Bem vindos sejam os nossos reis»<sup>23</sup>. À chegada os monarcas foram recebidos pelo presidente da câmara municipal, o Dr. Manuel José Vieira. Figuravam, também, na receção as autoridades locais, os chefes de repartição e respetivo pessoal, os oficiais em comissão e reformados e a companhia da guarda-fiscal, sob o comando do tenente José Calixto Ferreira<sup>24</sup>.

<sup>23</sup> NOBREGA, 1901, *A Visita de Suas Majestades os Reis de Portugal ao Archipélago Madeirense* [...], p. 10.

<sup>24</sup> NOBREGA, 1901, *A Visita de Suas Majestades os Reis de Portugal ao Archipélago Madeirense* [...], p. 12.

Imagem II – Chegada dos reis ao Funchal, montagem de fotografias de João Anacleto Rodrigues



Fonte: ABM, João Anacleto Rodrigues, n.ºs inv. 36, 37, 38 e 39, fusão fotográfica realizada por Leonardo Vasconcelos.



Quando o escaler que transportava os reis se aproximou e estes se tornaram mais visíveis, o governador civil, «no patamar das escadas do caes, exclamou – «Viva Sua Majestade El-Rei, o Snr. D. Carlos !!» – de milhares de peitos anhelantes sahiu um só grito. Momento unico, d’uma solemnidade dominadora que não será possível esquecer-se»<sup>25</sup>. A rainha foi igualmente saudada.

Os monarcas e toda a comitiva que os acompanhava deslocaram-se para a Sé, onde iria realizar-se um *Te Deum*. O templo estava «verdadeiramente soberbo: decorações de velludo, seda e damasco, flôres e lumes por toda a parte»<sup>26</sup>.

O programa oficial dos percursos e visitas reais<sup>27</sup> foi detalhadamente publicado na imprensa, o que permitiu à população acompanhar e ver os monarcas<sup>28</sup>. As ruas estiveram sempre repletas de povo que aclamava os reis e lançava flores, uma constante durante a ocasião. Para tal, a Santa Casa da Misericórdia do Funchal alugou as janelas disponíveis durante os três dias das festas reais<sup>29</sup>.

---

<sup>25</sup> NOBREGA, 1901, *A Visita de Suas Majestades os Reis de Portugal ao Archipelago Madeirense* [...], p. 21.

<sup>26</sup> NOBREGA, 1901, *A Visita de Suas Majestades os Reis de Portugal ao Archipelago Madeirense* [...], p. 25.

<sup>27</sup> Conforme a imprensa da época, os monarcas realizaram várias visitas oficiais. A rainha foi à Santa Casa da Misericórdia do Funchal, à Casa dos Pobres Desamparados, ao Hospício da Princesa D. Amélia e à Sopa Económica; por sua vez, o rei esteve em vários quartéis e no posto meteorológico do Funchal. Ambos visitaram o Monte, várias quintas de proprietários nacionais e estrangeiros, e estiveram em várias cerimónias oficiais, como na Câmara Municipal do Funchal e no Palácio de S. Lourenço («Recepção de Suas Majestades – Na Camara Municipal», 24-06-1901, in *Diário de Notícias*, p. 1).

<sup>28</sup> Por exemplo: «Recepção de Suas Magestades», 18-06-1901, in *Diário de Notícias*, p. 1; «Recepção de Suas Magestades», 19-06-1901, in *Diário de Notícias*, p. 2; «Recepção de Suas Magestades», 20-06-1901, in *Diário de Notícias*, p. 2.

<sup>29</sup> «Recepção de Suas Magestades», 20-06-1901, in *Diário de Notícias*, p. 2.

Imagem III – Cortejo real na rua da Carreira (atual rua Câmara Pestana) e esquina com a rua de João Távira, Freguesia da Sé – Funchal

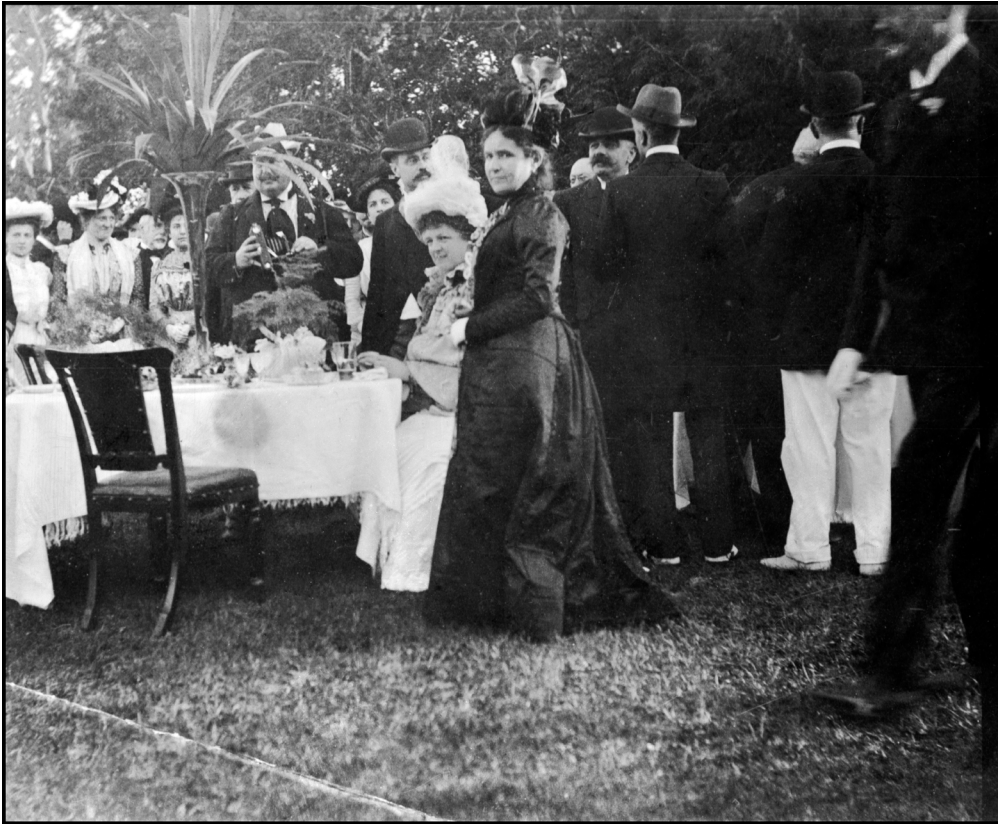


Fonte: ABM, Photographia Vicente, n.º inv. 13246.

Os dias foram passados em receções e na companhia das mais distintas famílias. A natureza exuberante impressionou a rainha, que escreveu no seu diário: «Fomos lanchar a parque maravilhoso. Camélias enormes – Saudades de Sintra infinitas – depois fomos ver ténis. Carlos jogou várias horas – muitas pessoas, Senhoras do mais agradável»<sup>30</sup>.

<sup>30</sup> Coleção Rémi Fénérol, *Diário de 1901*, 24 de junho, apud RIBEIRO, 2013, *Rainha D. Amélia. Uma Biografia*, p. 93.

Imagem IV – Festa nos jardins da Quinta do Monte oferecida em homenagem aos reis D. Carlos Bragança e D. Maria Amélia, Freguesia do Monte – Funchal



Fonte: ABM, Photographia Vicente, n.º inv. 13889.

A população das zonas rurais deslocou-se ao Funchal. As famílias, com os seus melhores trajes, «estacionavam na Praça da Constituição, proximo ao muro que dá para o largo de S. Lourenço, enfeitado com grandes mastros pintados, em espiral, d'azul e branco [...] esperando o momento de tornarem a vêr Suas Majestades»<sup>31</sup>.

Um grande número de estabelecimentos fechou para que os empregados e operários pudessem assistir às festas de receção dos reis<sup>32</sup>. No dia da partida, a 25 de junho,

«a praia, a estrada da Pontinha, rua do Caes, rua da Praia e fortaleza de S. Lourenço estavam repletas de gente, calculando-se em vinte mil. / Ao afastar-se o escaler do caes, suas majestades dizem adeus ao povo com o seu chapéu e lenço. Momento solemne. A ovação commove os reis [...] O povo da Madeira distinctamente se comportou até o final. Não houve uma só prisão ou roubo, ou motivada por embriaguez»<sup>33</sup>.

<sup>31</sup> NOBREGA, 1901, *A Visita de Suas Majestades os Reis de Portugal ao Archipelago Madeirense* [...], p. 36.

<sup>32</sup> «Estabelecimentos Fechados», 19-06-1901, in *Diário de Notícias*, p. 2.

<sup>33</sup> «Viagem Regia», 09-07-1901, in *Diário Popular*, p. 1.

No cais, rodeados de pessoas de todas as origens sociais, e com uma aclamação constante, os reis despediram-se. D. Carlos agradeceu expressivamente ao governador civil e ao presidente da Câmara Municipal do Funchal. D. Amélia

«beijou, muito comovida, a snr.<sup>a</sup> D. Josephina Castelbranco Ribeiro da Cunha, ordenando-lhe que transmitisse a todas as pessoas que Ella, a adoravel Soberana e o seu Augusto Esposo, tinham ficado extremamente encantados e reconhecidos pela recepção tão brilhante quanto expontanea que haviam tido por parte de todas as classes da sociedade, e que jámais olvidariam tantas provas de affecto e respeito»<sup>34</sup>.

Os reis partiram, mas as estrondosas ovações e os cumprimentos não cessaram. Várias embarcações acompanharam o cruzador *D. Carlos*. Desde Câmara de Lobos até à Ponta do Pargo, os reis foram constantemente saudados e numerosos barcos, vistosamente embandeirados e cheios de povo, foram ao encontro da divisão naval, gritando frenéticos “Vivas!”. Ao longo da costa, em todas as povoações foram lançados foguetes e na Calheta foi solto um bando de pombos, com laços azuis e brancos<sup>35</sup>.

A admiração e o contentamento foram gerais. O povo recebeu os monarcas com entusiasmo e estes “tornaram-se” mais próximos, mais reais. Foi a curiosidade e não tanto o sentimento monárquico

«que moveu as populações, a ponto de, no Funchal, por exemplo, após a partida dos reis, centenas de pessoas acorrerem ao palácio de S. Lourenço “para ver os aposentos dos monarcas” ovacionando, pela noite dentro, os principais responsáveis, pelo êxito da recepção»<sup>36</sup>.

D. Carlos, no discurso que fez na Câmara Municipal do Funchal, referiu que «o que mais apreciava não eram as manifestações pomposas e brilhantes, mas sim aquellas em que vibrava a alma popular, em que o coração do povo palpitava ao lado do coração do rei»<sup>37</sup>. No mesmo discurso contou, comovidamente, que já há muito pretendia visitar a Madeira, cujo povo sabia era muito trabalhador, honesto e respeitador. Estas palavras ouvira-as, desde a infância, do seu pai, D. Luís<sup>38</sup>, que afirmava ter passado os melhores dias da sua vida na ilha.

---

<sup>34</sup> NOBREGA, 1901, *A Visita de Suas Majestades os Reis de Portugal ao Archipelago Madeirense* [...], p. 90.

<sup>35</sup> NOBREGA, 1901, *A Visita de Suas Majestades os Reis de Portugal ao Archipelago Madeirense* [...], pp. 92-93.

<sup>36</sup> SILVA, 2009, «Em Torno da Visita Régia de 1901 aos Arquipélagos da Madeira e dos Açores», pp. 171-172.

<sup>37</sup> «Recepção de Suas Majestades – Na Camara Municipal», 24-06-1901, in *Diário de Notícias*, p. 1.

<sup>38</sup> D. Luís visitara as ilhas adjacentes, em 1858, enquanto Infante e Duque do Porto, sem quaisquer pretensões ao trono (SILVA, 2009, «Em Torno da Visita Régia de 1901 aos Arquipélagos da Madeira e dos Açores», p. 160).



Durante a permanência dos reis,

«Não houve uma só nota discordante: todos os madeirenses, sem distincção de sexo, classe ou fortuna, prestaram aos seus Reis o culto da sua respeitosa simpatia; – todos os aclamaram na mais completa unanimidade de jubilo e affecto. Souberam honrar os seus Monarchas e souberam honrar-se a si próprios [...] esquecendo-se do injustificável abandono a que teem sido condemnados [...] pelos poderes publicos»<sup>39</sup>.

Uma das inovações desta visita foi a grande adesão ao registo fotográfico, no qual participou o próprio rei. D. Carlos I, amante das artes, pintor e fotógrafo amador, que durante a sua estadia na Madeira, «tirou varias photographias de alguns pontos por onde passava»<sup>40</sup>. Para além de fotógrafos continentais e internacionais que se deslocaram ao Funchal para efetuarem o registo, participaram ainda os inúmeros fotógrafos locais, profissionais e amadores. Em consequência da visita, dois anos depois, o fotógrafo Vicente Gomes da Silva Júnior (1857-1923) recebeu o alvará de nomeação de *Photographo Honorário da Casa Real*, datado de 26 de janeiro de 1903<sup>41</sup>.

## A Fotografia

Em meados do século XX, Lucien Febvre e Marc Bloch propuseram uma noção de fonte histórica mais ampla, em detrimento do documento escrito como fonte única e primordial na reconstrução do passado<sup>42</sup>. Entre a multiplicação de novas fontes encontra-se a fotografia, que deixou de ser mero instrumento ilustrativo da pesquisa para assumir o estatuto de documento.

A fotografia foi e ainda é utilizada como janela para o passado, fornecendo dados que os documentos textuais não registaram e permitindo inúmeras possibilidades de análise de problemas históricos associados à construção da imagem. Porém, a adoção da fotografia como instrumento ou objeto de pesquisa obriga necessariamente à sua desconstrução. É preciso identificar os assuntos que foram focados naquele determinado momento histórico, os fotógrafos e agências/autores das imagens e as tecnologias empregues na sua produção, bem como o contexto em que foram realizadas e a utilização da linguagem verbal para o preenchimento das brechas e silêncios deixados pela imagem<sup>43</sup>.

<sup>39</sup> NOBREGA, 1901, *A Visita de Suas Majestades os Reis de Portugal ao Archipelago Madeirense* [...], p. 94.

<sup>40</sup> «Recepção de Suas Majestades», 24-06-1901, in *Diário de Notícias*, p. 2

<sup>41</sup> CARITA, s.d., «Visita Régia ao Quartel do Colégio, 23 de junho de 1901, Funchal, ilha da Madeira».

<sup>42</sup> SÔNEGO, 2010, «A Fotografia como Fonte Histórica», p. 113.

<sup>43</sup> SÔNEGO, 2010, «A Fotografia como Fonte Histórica», p. 114.



Sendo uma fonte criada<sup>44</sup>, a fotografia carece, sempre e à semelhança do texto, de uma análise crítica. É, como todos os documentos, uma construção social com silêncios e não-ditos. «O que é visível na fotografia revela e oculta [...] talvez a grande sedução da imagem esteja na história do que ainda está invisível. Mostrar o invisível é buscar outras visões, outras linguagens e outros discursos»<sup>45</sup>. Para Susan Sontag, «O extremo ensinamento da imagem fotográfica é poder dizer: “Aqui está a superfície. Agora pensem, ou antes, sintam, intuem o que está por detrás, como deve ser a realidade se esta é a sua aparência”»<sup>46</sup>.

As imagens fotográficas devem ser vistas como documentos que informam sobre a cultura material – enquadrada num período histórico e numa vivência própria –, como as condições de vida, moda, infraestruturas urbanas ou rurais e condições de trabalho. A interpretação da imagem histórica exige a associação da História à Antropologia ou à Sociologia (ou às duas juntas) para indagar sobre as maneiras de ser e agir no passado, e à Semiótica que oferece mecanismos para o desenvolvimento da análise<sup>47</sup>.

A fotografia surgiu como resultado da feliz conjugação de centenas de avanços nos campos da química e da ótica, incluindo a invenção da câmara escura. Em 1826, o cientista francês Joseph Nicéphore Niépce tirou a primeira fotografia conhecida. Para criar essa imagem, uma fotografia do seu jardim e das casas da vizinhança, Niépce, numa câmara escura, e durante várias horas, deixou exposta à luz solar uma emulsão à base de asfalto. O físico escocês James Clerk Maxwell, estudioso da teoria da cor, produziu a primeira fotografia a cores, em 1861, recorrendo a três filtros: um amarelo, um vermelho e um azul. Tendo depois combinado as três imagens numa só<sup>48</sup>.

---

<sup>44</sup> Embora nos primórdios a manipulação da fotografia fosse mais difícil, dadas as limitações tecnológicas, havia já uma interferência do fotógrafo na cena. Tomemos o exemplo de Margaret Bourke-White (1904-1971): em finais da década de 20, iniciou uma carreira de sucesso como fotógrafa industrial, em 1929, começou a trabalhar para a revista *Fortune* e, mais tarde, para a *LIFE*. Viajou pelo mundo, cobrindo os principais eventos da Segunda Guerra Mundial e da Guerra da Coreia. Foi a primeira fotógrafa estrangeira a ter permissão para fotografar a indústria soviética. Autora das imagens que ilustram a crise de 1929 nos EUA, «Margaret Bourke-White era conhecida pelas proezas e riscos a que se expunha e pelo modo como compunha cenas com a mesma firmeza com que um diretor de cinema comandaria o *set* de filmagem: trabalhava com vários *flashes* sincronizados; seus assistentes interrompiam o trânsito, se necessário; e ela não hesitava em orientar as pessoas sobre onde sentar-se ou para onde olhar» (LISSOVSKY; MARTINS, 2013, «A fotografia e seus duplos: um quadro na parede», pp. 1365 e 1367).

<sup>45</sup> CIAVATTA, Maria, 2002, *O mundo do trabalho em imagens: a fotografia como fonte histórica (Rio de Janeiro, 1900-1930)*, São Paulo, DP&A, apud SÔNEGO, 2010, «A Fotografia como Fonte Histórica», p. 118.

<sup>46</sup> SONTAG, 2015, *Ensaio sobre Fotografia*, p. 31.

<sup>47</sup> MAUAD, 1996, «Através da Imagem: Fotografia e História Interfaces», p. 7.

<sup>48</sup> S.A., 01-02-2018, «Grandes Marcos da História da Fotografia».

Entre todas as invenções surgidas no século XIX, poucas foram as que tiveram mais impacto social que a fotografia. E também não são muitas as que conheceram uma evolução tecnológica comparável. Em Portugal, foi pela mão e pelo olhar de pioneiros como Carlos Relvas que a fotografia encontrou progressivamente o seu espaço e se tornou parte integrante do nosso quotidiano<sup>49</sup>.

Joshua Benoliel (1873-1932), o primeiro fotógrafo português a viver principal e permanentemente da fotografia com valor jornalístico, levou, juntamente com alguns contemporâneos seus, a fotografia a migrar dos estúdios para os espaços dos acontecimentos. Com esta mudança de paradigma, «os fotojornalistas portugueses tiveram um papel relevante na construção da memória histórica, já que proporcionaram à posteridade fragmentos visuais evocativos do tempo, do espaço, das ocorrências que neles tiveram lugar e dos seus protagonistas»<sup>50</sup>. Benoliel tornou a fotografia de reportagem numa profissão:

«fotografou os poderosos e os indigentes; os políticos e os operários; as crianças, os jovens e os adultos; os rapazes e as raparigas; os homens e as mulheres. Pouco do que de importante sucedeu nas ruas de Lisboa entre o final do século XIX e o início do século XX escapou à sua objetiva, tal como não lhe escapou a documentação da vida nas ruas da capital. Cobriu revoltas, comícios, greves, tipos sociais, manifestações, procissões... A sua obra fotográfica, em fotografias únicas ou sequências de imagens, apontava já, apesar do predomínio dos planos gerais e de conjunto, para as linguagens do futuro do fotojornalismo, marcando uma rutura com a estética formalista, descritiva ou pictográfica, que imperava nos conteúdos visuais da imprensa da época»<sup>51</sup>.

Na Madeira, onde prevalecia o isolamento, a distância em relação aos principais centros de inovação e o difícil acesso ao saber, a fotografia registou grande aceitação desde cedo. Aqui surgiram vários estúdios fotográficos, como os de Vicentes Photographos, João Francisco Camacho, Augusto Maria Camacho, Perestrellos Photographos, Augusto César dos Santos e o seu sócio Joaquim Augusto de Sousa<sup>52</sup>, não sendo, portanto, de estranhar o facto de haver um número considerável de fotografias da visita régia<sup>53</sup>.

A adesão à fotografia, por parte dos madeirenses e turistas, levou a que os hotéis fossem apetrechados com espaços que permitissem a prática fotográfica.

---

<sup>49</sup> VIEGAS, 2018, *Mulheres Fotógrafas em Portugal* [...], p. 4.

<sup>50</sup> SOUSA, 2020, «Apontamentos sobre a Génese da Cobertura Gráfica da Atualidade em Portugal: da Xilogravura ao Fotojornalismo (1835-1914)», p. 335.

<sup>51</sup> SOUSA, 2020, «Apontamentos sobre a Génese da Cobertura Gráfica da Atualidade em Portugal: da Xilogravura ao Fotojornalismo (1835-1914)», pp. 335-336.

<sup>52</sup> S.A., s.d., «Museu de Fotografia da Madeira – Atelier Vicente's».

<sup>53</sup> Esta coleção de 53 fotografias faz parte do fundo do ABM e está disponível em formato digital no sítio da instituição.

«Los turistas aficionados a la fotografía podían utilizar el “cuarto oscuro” de varios hoteles. La cadena de hoteles Reid, incorporo en su publicidad la frase: “Dark Room for Photographers”, al menos entre 1896 y 1905. También el “Monte Palace Hotel”, entre 1905 y 1932, anunciaba lo mismo. No sabemos si se trataba de un simple cuarto para cargar y descargar los chasis, o bien si eran auténticos laboratorios, com probetas, cubetas, productos químicos, etc. Los negativos que obtenían los turistas podían ser revelados y positivados en diferentes estudios. Em 1890 A. Camacho anunciaba el revelado de negativos y la obtención de copias a precios especiales»<sup>54</sup>.

Com a simplificação das máquinas fotográficas pela Kodak e a introdução dos rolos substituíveis criados por George Eastman, a fotografia popularizou-se a partir de 1888. No âmbito privado, a máquina fotográfica passou a acompanhar a vida familiar. Registando momentos cruciais, passou a atestar um certo modo de vida e de uma riqueza perfeitamente representada através de objetos, poses e olhares.

«Cada família constrói, através da fotografia, uma crónica de si mesma [...]. Sejam quais forem as atividades fotografadas, o que importa é que as fotografias sejam tiradas e conservadas com carinho. A fotografia torna-se um rito familiar precisamente no momento em que, nos países industrializados da Europa e da América, a própria instituição familiar começa a sofrer uma transformação radical. À medida que o núcleo familiar [...] se afastava de um agregado familiar muito mais vasto, a fotografia surgia para recordar e restabelecer simbolicamente a precária continuidade e o progressivo desaparecimento da vida familiar. As fotografias são marcas fantasmáticas que permitem a presença simbólica dos parentes dispersos»<sup>55</sup>.

Curiosamente, a prática e o gosto pela fotografia generalizaram-se, também, pelas famílias reais europeias. A rainha Vitória colecionou 110 álbuns fotográficos, e constituiu e organizou, com a ajuda do príncipe Alberto, 36 álbuns com retratos da sua família e de outras famílias reais<sup>56</sup>.

«As cabeças coroadas da Europa, e, em particular, a rainha Vitória e Napoleão III, foram dos principais entusiastas a adotar esta nova forma de comunicação visual, sobretudo o retrato, e depressa se aperceberam das potencialidades políticas que a produção de retratos das famílias reais e a sua comercialização a preços acessíveis, junto dos seus súbditos, traziam para a consolidação dos seus regimes. Os retratos de membros da família real ou imperial passaram a integrar os álbuns familiares, a serem encaixilhados, e colocados na parede ou num móvel da zona social da casa, permitindo uma relação de proximidade quotidiana entre soberano e súbdito»<sup>57</sup>.

---

<sup>54</sup> CADENAS, 1999, *La Fotografía en Canarias y Madeira. La época del daguerrotipo, el colodión y la albúmina. 1839-1900*, p. 116.

<sup>55</sup> SONTAG, 2015, *Ensaio sobre Fotografia*, p. 17.

<sup>56</sup> ARAÚJO, «A Fotografia e o Postal Ilustrado: Origens e Influências», p. 58.

<sup>57</sup> ARAÚJO, «A Fotografia e o Postal Ilustrado: Origens e Influências», p. 57.

À semelhança de outros monarcas, várias gerações da família real portuguesa foram apreciadoras e praticantes de fotografia.

«A revista técnica e especializada, *Boletim Photographico*, iniciou a sua publicação em Janeiro de 1900, destinada a um público de fotógrafos amadores e profissionais. No seu segundo volume, descreveu rigorosamente a I Exposição Nacional de Photographia, que ocorrera a 31 de Dezembro de 1899, na Sociedade de Geografia, em Lisboa. Premiada, fora de concurso, com uma medalha de ouro, D. Maria Pia apresentou três painéis de madeira contendo nove fotografias em cada, sendo escolhida para o jornal a sua imagem, *Paizagem*. Sabemos que a rainha participou em bastantes concursos e exposições nacionais, incluindo alguns reportados por este periódico; no entanto, nos anos que conseguimos consultar, entre 1900 e 1906, esta foi a única fotografia de sua autoria que encontramos»<sup>58</sup>.

A rainha D. Amélia terá começado a sua prática fotográfica após o seu matrimónio com D. Carlos I, que se tornara Membro de Honra da Sociedade Francesa de Fotografia, em 1891. O Museu – Biblioteca da Casa de Bragança reúne, na sua Coleção de Fotografia, 46 álbuns fotográficos, organizados pela Rainha D. Amélia, concebidos, principalmente, entre 1893 e 1908. Estes contêm algumas fotografias tiradas por si, mas sobretudo pelos membros do seu círculo familiar mais imediato<sup>59</sup>.

## A Fotografia na Visita

Na visita aos arquipélagos, os monarcas foram acompanhados, como referido, por jornalistas e fotógrafos, profissionais e amadores, madeirenses, nacionais e estrangeiros, alguns dos quais se deslocaram à região propositadamente. Todos os momentos da visita régia foram descritos pela imprensa regional e nacional. Desde os preparativos aos itinerários, os madeirenses estavam bem informados do que iria suceder (ou sucedera).

Os monarcas foram fotografados em vários momentos da sua visita e os documentos escritos confirmam-no. Aquando da visita ao posto meteorológico do Funchal, o rei foi «photographado pelo snr. alferes António Bettencourt da Camara, hábil photographo amator»<sup>60</sup>. No dia 24, após a receção de gala, o monarca foi fotografado «na varanda sul do Real Paço, pelo talentoso artista snr. Vicente Gomes

---

<sup>58</sup> VIEGAS, 2018, *Mulheres Fotógrafas em Portugal* [...], p. 90.

<sup>59</sup> VIEGAS, 2018, *Mulheres Fotógrafas em Portugal* [...], p. 82.

<sup>60</sup> NOBREGA, 1901, *A Visita de Suas Majestades os Reis de Portugal ao Archipelago Madeirense* [...], p. 82.



da Silva Junior»<sup>61</sup>. O mesmo fotógrafo retratou D. Amélia: «Quando Suas Majestades iam a sahir do Real Paço, o distincto photographo madeirense snr. Vicente Gomes da Silva Junior, antecipadamente auctorizado, tirou uma bella photographia de Sua Majestade, a Rainha»<sup>62</sup>.

Imagem V – Rei D. Carlos na varanda do palácio de São Lourenço, Freguesia da Sé – Funchal



Fonte: ABM, Photographia Vicente, n.º inv. 21745.

<sup>61</sup> NOBREGA, 1901, *A Visita de Suas Majestades os Reis de Portugal ao Archipelago Madeirense [...]*, p. 82.

<sup>62</sup> NOBREGA, 1901, *A Visita de Suas Majestades os Reis de Portugal ao Archipelago Madeirense [...]*, p. 83.

Imagem VI – Rainha D. Maria Amélia na varanda do palácio de São Lourenço,  
Freguesia da Sé – Funchal



Fonte: ABM, Photographia Vicente, n.º inv. 21746.

As fotografias decorrentes da passagem dos reis pelo Funchal testemunham o que as notícias, mais ou menos pormenorizadas, descrevem<sup>63</sup>. Porém, embora as fotografias acompanhem e confirmem as descrições relatadas pela imprensa, curiosamente, essas mesmas notícias surgem, quase sempre, sem qualquer imagem associada. São exceção alguns retratos desenhados dos monarcas, como pode

---

<sup>63</sup> Por exemplo, a passagem dos reis pelas várias artérias da cidade, a descida do Monte, as várias receções, as decorações das ruas e praças, a chegada e a partida, entre outras descrições.

ver-se, por exemplo, no *Correio da Tarde*<sup>64</sup>. Esta situação não é consistente com o que acontecia, à época, na imprensa internacional e nacional.

A ilustração, qualquer imagem que acompanha um texto de jornal, pode ser mais importante do que o texto escrito ou, mesmo, prescindir do texto. Embora as caricaturas já circulassem há mais tempo na forma de folheto, a primeira gravura para ilustrar um texto jornalístico foi publicada em 1835, nos Estados Unidos. O *Daily Graphic*, de Nova Iorque, foi o primeiro jornal diário americano a usar ilustrações regularmente, em 1873. Na década de 1880, as ilustrações passaram definitivamente a fazer parte dos jornais americanos<sup>65</sup>.

Em Portugal,

«A partir do final do século XIX, a fotografia foi sendo adotada pela imprensa como meio preferido para a difusão de informação visual sobre a atualidade, pois, em comparação com as gravuras e litografias, ou mesmo com o desenho fotogravado, poupava tempo (fotografar é mais fácil e rápido do que desenhar e gravar ou litografar) e dinheiro (exigia menos recursos humanos e materiais), principalmente a partir da generalização do processo de impressão conhecido por *halftone* (igualmente designado por similigravura, fotogravura por autotipia ou, simplesmente, autotipia, meio-tom ou meia-tinta), a partir do final do século XIX. Além disso, a fotografia é mais icónica e, por isso, é também mais verosímil, sendo aceite, perante o senso-comum (principalmente num tempo em que era grande a iliteracia mediática), como “espelho” da realidade»<sup>66</sup>.

Graças ao seu potencial descritivo e à sua verosimilhança, “mostrando” a realidade como ela é, a imagem adicionou informação aos textos. Acrescentou, também, vida, leveza, emoção, sensação e espetáculo às próprias publicações, tornando-as mais apelativas.

«As revistas ilustradas, em concreto, eram mais espetaculares e mais sensacionais e, por vezes, também mais sensacionalistas, do que os jornais, políticos ou noticiosos, que com elas coexistiam. A iconografia foi, portanto, à vez, suporte informativo e um elemento promocional das revistas ilustradas. E foi também, claro, um elemento central da sua identidade. Concorreu, assim, para o êxito da imprensa informativa e, portanto, do jornalismo»<sup>67</sup>.

Mas se as fotografias tiradas aos reis, durante a sua estada na Madeira, não complementaram nem ilustraram as notícias da imprensa regional, para onde foram

---

<sup>64</sup> «Visita de Suas Magestades, o Senhor Dom Carlos, e a Senhora Dona Maria Amélia a esta ilha em 22 de Junho de 1901», 22-06-1901, in *Correio da Tarde*, pp. 1 e 3.

<sup>65</sup> HERMES, 2012, «As ilustrações jornalísticas: definição e história», p. 4.

<sup>66</sup> SOUSA, 2020, «Apontamentos sobre a Génese da Cobertura Gráfica da Atualidade em Portugal: da Xilogravura ao Fotojornalismo (1835-1914)», pp. 317-318.

<sup>67</sup> SOUSA, 2020, «Iconografia do Progresso Técnico Português em Sete Revistas Ilustradas do Fontismo (1851-1887)», p. 371.



e para que serviram? Foram criadas várias coleções de fotografias e postais para vender e oferecer, nomeadamente aos monarcas.

No final da sessão solene realizada nos Paços do Concelho, foi oferecido os reis, pelo Dr. Manuel José Vieira, «um precioso album, contendo numerosas e belíssimas photographias dos mais lindos pontos da Madeira, colaboração primorosa e distincticta do sr. Joaquim Augusto de Sousa, um photographo amator que muito honra a nossa terra»<sup>68</sup>. Este álbum fotográfico foi detalhadamente descrito por Cyriaco de Brito Nóbrega, que salienta as capas de madeira com embutidos a cores, o interior forrado a marroquim vermelho e ornamentação contínua a ouro, e o fecho de prata. Compõem-no fotografias com paisagens do Funchal, Machico, Câmara de Lobos e Calheta e uma vista da ilha do Porto Santo<sup>69</sup>.

Entre os muitos e variados presentes dados aos reis, prevaleceram as fotografias. Assim, o fotógrafo Vicente Gomes da Silva Júnior ofereceu uma coleção completa de fotografias dos festejos, composta de dez exemplares; por iniciativa do conselheiro coronel Villar foi oferecido um quadro de embutidos onde constava uma fotografia de todos os oficiais da guarnição<sup>70</sup>; a título privado, Joaquim Augusto de Sousa deu «uma esplendida colleção de photographias das festas»<sup>71</sup>.

Os retratos dos reis foram vendidos, em vários formatos, nos diferentes estabelecimentos comerciais da cidade, permitindo que qualquer pessoa pudesse adquiri-los. Estes produtos foram divulgados nos jornais regionais. O *Diário de Notícias* anunciou a venda de medalhas com caixilho de prata dourada com as fotografias dos monarcas, na ourivesaria e relojoaria *Symphonio*<sup>72</sup>. Comunicou, também, a venda de caixas de chocolates com «a fotografia de Sua Alteza Real o Sereníssimo Senhor Dom Carlos, cada uma a 300 reis, na Mercearia Pereira»<sup>73</sup>.

O mesmo periódico informou que teria início a venda,

«em varios estabelecimentos d'esta cidade, de magnificas photo-gravuras representando Suas Magestades El-Rei e a Rainha. / O preço de cada uma é de 100 reis. / O trabalho é esmerado, constituindo a aquisição d'elle uma bella recordação da visita de Suas Magestades á Madeira»<sup>74</sup>.

<sup>68</sup> «Viagem Régia», 01-09-1901, in *Revista Madeirense*, p. 334.

<sup>69</sup> NOBREGA, 1901, *A Visita de Suas Magestades os Reis de Portugal ao Archipelago Madeirense* [...], pp. 44-45.

<sup>70</sup> NOBREGA, 1901, *A Visita de Suas Magestades os Reis de Portugal ao Archipelago Madeirense* [...], p. 104.

<sup>71</sup> NOBREGA, 1901, *A Visita de Suas Magestades os Reis de Portugal ao Archipelago Madeirense* [...], p. 106.

<sup>72</sup> «Para a recepção de Suas Magestades», 21-06-1901, in *Diário de Notícias*, p. 1.

<sup>73</sup> «Em honra de Suas Magestades», 21-06-1901, in *Diário de Notícias*, p. 1.

<sup>74</sup> «Recepção de Suas Magestades», 21-06-1901, in *Diário de Notícias*, p. 2.



No dia seguinte, o *Diário de Notícias* especificou os estabelecimentos de venda dos retratos dos reis: *Loja Dilley, Tabacaria Central, Camacho Irmão, Bazar do Povo e A Familiar*<sup>75</sup>.

Muito em voga na época, e surgido pouco tempo antes, no final do século XIX, o bilhete-postal com imagens de matriz fotográfica foi outro produto resultante da visita régia. Vendiam-se na «*Tabacaria Central, Camacho, Irmãos, Casa Havaneza, Confeitaria Rocha* á Praça da Constituição e *Lowther Arcade* á rua do Aljube»<sup>76</sup>. Desta forma, as fotografias dos reis passaram a fazer parte das coleções e dos álbuns dos madeirenses, situação que acontecia, aliás, com as figuras relevantes na sociedade europeia:

«Para um político ou artista, ver a sua imagem incluída num álbum familiar não era um abuso, mas uma forma de reconhecimento social. Quando o político britânico Lord Brougham via um retrato seu numa montra, costumava perguntar quantos exemplares tinham vendido. Era uma forma de avaliar a sua popularidade»<sup>77</sup>.

Imagem VII – B.P. N.º 40 – Madeira. Visita de SS. MM. os Reis de Portugal, em 23-6-1901



Fonte: ABM, [Coleção do Bilhete-Postal Ilustrado, n.º de inventário BPI-ARM/6].

<sup>75</sup> «Recepção de Suas Magestades», 22-06-1901, in *Diário de Notícias*, p. 2.

<sup>76</sup> «Bilhetes postaes», 22-06-1901, in *Diário de Notícias*, p. 1.

<sup>77</sup> ARAÚJO, 2017, «A Fotografia e o Postal Ilustrado: Origens e Influências», p. 60.

## Conclusão

Na transição para o século XX, a fotografia atingira já a sua maturidade como produto cultural, servindo diversos propósitos no âmbito da comunicação visual. «O registo fotográfico servia de matriz a múltiplas tiragens impressas em formatos variados, que incluíam o bilhete-postal ilustrado, comercializado avulso ou em coleções, e impresso em várias técnicas fotográficas e fotomecânicas»<sup>78</sup>.

A visita régia ao Funchal, em 1901, comprovou que, na Madeira, a fotografia ocupava já um lugar fundamental no registo de acontecimentos vários. Embora as publicações periódicas regionais ainda não complementassem as notícias com imagens, estas foram fundamentais.

Surgidas, em Portugal, em 1835, as revistas ilustradas foram pioneiras na junção de informação iconográfica à palavra escrita. Ao permitirem “ver” um mundo em transformação, elas tornaram-se um meio de comunicação distinto<sup>79</sup>. Podemos destacar duas edições especiais: *A Visita de Suas Majestades os Reis de Portugal ao Archipelago Madeirense. Narração das Festas*, da autoria de Cyriaco de Brito Nóbrega, e *A «Madeira» Ilustrada*, revista com um único número.

Em *A Visita de Suas Majestades os Reis de Portugal ao Archipelago Madeirense. Narração das Festas* existem várias fotografias dos diferentes momentos da estadia dos monarcas: a chegada, a récita de gala, os percursos realizados nas ruas do Funchal e nos arredores, como a ida ao Monte, e a várias quintas. O agradecimento do autor aos vários fotógrafos leva-nos a pensar na importância das imagens e na valorização que deram ao texto<sup>80</sup>.

*A «Madeira» Ilustrada* apresenta-se como uma espécie de guia turístico e, como o nome indica, ilustrado: descrevem-se as localidades, salientam-se as atrações e os principais monumentos. Dirigida por Augusto Forjaz Pereira de Sampaio e com colaboração artística do Conde de Torre Bela e Joaquim Augusto de Sousa, contém várias fotografias da Madeira, embora nenhuma sobre a visita em particular. Este último aspeto levou-nos a não a estudar pormenorizadamente, mas trata-se uma fonte que merece uma observação mais atenta no futuro.

---

<sup>78</sup> ARAÚJO, 2017, «A Fotografia e o Postal Ilustrado: Origens e Influências», p. 71.

<sup>79</sup> SOUSA, 2020, «Apontamentos sobre a Génese da Cobertura Gráfica da Atualidade em Portugal: da Xilografatura ao Fotojornalismo (1835-1914)», p. 316.

<sup>80</sup> «A todos os snrs. photographos amadores e não amadores que se dignaram prestar-nos a sua valiosa colaboração artística, nesta obra, apresentamos os nossos mais sinceros agradecimentos» (NOBREGA, 1901, *A Visita de Suas Majestades os Reis de Portugal ao Archipelago Madeirense* [...], p. 109).

## Publicações Periódicas

- «A chegada do sr. José Ribeiro da Cunha, novo governador civil do Funchal – Recepção imponente», 15-06-1901, in *Diário de Notícias*, ano XXV, n.º 7:276, p. 1.
- «A visita de Suas Magestades», 22-06-1901, in *O Diário do Comércio*, 5.º ano, n.º 1385, p. 1.
- «Assumptos Geraes. Viagem Regia», 21-06-1901, in *Diário de Notícias*, ano XXV, n.º 7:282, p. 1.
- «Bem vindos os nossos Reis», 23-06-1901, in *O Diário do Comércio*, 5.º ano, n.º 1386, p. 1.
- «Bilhetes postaes», 22-06-1901, in *Diário de Notícias*, ano XXV, n.º 7:283, p. 1.
- «Em honra de Suas Majestades», 21-06-1901, in *Diário de Notícias*, ano XXV, n.º 7:282, p. 1.
- «Estabelecimentos Fechados», 19-06-1901, in *Diário de Notícias*, ano XXV, n.º 7:280, p. 2.
- «Para a recepção de Suas Majestades», 21-06-1901, in *Diário de Notícias*, ano XXV, n.º 7:282, p. 1.
- «Recepção de Suas Magestades», 17-06-1901, in *Diário de Notícias*, ano XXV, n.º 7:278, p. 2.
- «Recepção de Suas Magestades», 18-06-1901, in *Diário de Notícias*, ano XXV, n.º 7:279, p. 1.
- «Recepção de Suas Magestades», 19-06-1901, in *Diário de Notícias*, ano XXV, n.º 7:280, p. 2.
- «Recepção de Suas Magestades», 20-06-1901, in *Diário de Notícias*, ano XXV, n.º 7:281, p. 2.
- «Recepção de Suas Magestades», 21-06-1901, in *Diário de Notícias*, ano XXV, n.º 7:282, p. 2.
- «Recepção de Suas Magestades», 22-06-1901, in *Diário de Notícias*, ano XXV, n.º 7:283, p. 2.
- «Recepção de Suas Magestades», 24-06-1901, in *Diário de Notícias*, ano XXV, n.º 7:285, p. 2.
- «Recepção de Suas Magestades – Na Camara Municipal», 24-06-1901, in *Diário de Notícias*, ano XXV, n.º 7:285, p. 1.
- S.A., 01-02-2018, «Grandes Marcos da História da Fotografia», in *National Geographic*, disponível em <https://www.natgeo.pt/photography/2018/02/grandes-marcos-da-historia-da-fotografia>, consultado a 11-10-2022.

- «Viagem Régia», 02-07-1901, in *Diário Popular*, 5.º ano, n.º 1:173, p. 1.
- «Viagem Régia», 04-07-1901, in *Diário Popular*, 5.º ano, n.º 1:175, p. 1.
- «Viagem Régia», 09-07-1901, in *Diário Popular*, 5.º ano, n.º 1:180, p. 1.
- «Viagem Régia», 11-08-1901, in *Revista Madeirense*, 1.º ano, n.º 38, pp. 309-310.
- «Viagem Régia», 01-09-1901, in *Revista Madeirense*, 1.º ano, n.º 41, p. 334.
- «Visita de Suas Magestades, o Senhor Dom Carlos, e a Senhora Dona Maria Amélia a esta ilha em 22 de Junho de 1901», 22-06-1901, in *Correio da Tarde*, 1.º ano, n.º 5, pp. 1 e 3.

## Bibliografia

- ARAÚJO, Nuno Borges de, 2017, «A Fotografia e o Postal Ilustrado: Origens e Influências», in MARTINS, Moisés de Lemos, (ed.), *Os Postais Ilustrados na Vida da Comunidade*, Braga, Universidade do Minho, CECS – Centro de Estudos de Comunicação e Sociedade, pp. 55-88, disponível em <https://core.ac.uk/download/pdf/80557353.pdf>, consultado a 19-08-2021.
- CADENAS, Carlos Teixidor, 1999, *La Fotografía en Canarias y Madeira. La época del daguerrotipo, el colodión y la albúmina. 1839-1900*, Madrid, LUCAM.
- CARITA, Rui, 1998; SILVEIRA, Ângelo (atualização), 2006, «Palácio de S. Lourenço / Forte de S. Lourenço», in *Património Cultural*, Direção-Geral do Património Cultural, disponível em [http://www.monumentos.gov.pt/site/app\\_pagesuser/sipa.aspx?id=5014](http://www.monumentos.gov.pt/site/app_pagesuser/sipa.aspx?id=5014), consultado a 14-07-2021.
- CARITA, Rui, s.d., «Visita Régia ao Quartel do Colégio, 23 de junho de 1901, Funchal, ilha da Madeira», in *Arquipelagos*, disponível em <https://www.arquipelagos.pt/imagem/visita-regia-ao-quartel-do-colegio-23-de-junho-de-1901-funchal-ilha-da-madeira/>, consultado em 02-02-2021.
- CORDEIRO, Carlos, 2001, «Nos Bastidores da Visita Régia. Decadentismo e tensões autonomistas», in *Insulana*, n.º LVII, Ponta Delgada, pp. 5-18.
- HERMES, Gilmar Adolfo, 2012, «As ilustrações jornalísticas: definição e história», in *II Encontro Nordeste de História da Mídia*, disponível em <http://www.ufrgs.br/alcar/encontros-nacionais-1/encontros-regionais/nordeste/2o-encontro-2012/gt-4-2013-midia-imprensa/as-ilustracoes-jornalisticas-definicao-e-historia/view>, consultado a 10-02-2021.
- LISSOVSKY, Mauricio; MARTINS, Juliana, 2013, «A fotografia e seus duplos: um quadro na parede», in *História, Ciências, Saúde – Manguinhos*, vol. 20, Rio de Janeiro, pp. 1363-1375.



- MAUAD, Ana Maria, 1996, «Através da Imagem: Fotografia e História Interfaces», in *Tempo*, vol. 1, n.º 2, Rio de Janeiro, disponível em [https://www.historia.uff.br/tempo/artigos\\_dossie/artg2-4.pdf](https://www.historia.uff.br/tempo/artigos_dossie/artg2-4.pdf), consultado a 10-10-2022.
- NOBREGA, Cyriaco de Brito, 1901, *A Visita de Suas Majestades os Reis de Portugal ao Archipelago Madeirense. Narração das Festas*, Funchal, Typographia «Esperança».
- RIBEIRO, José Alberto, 2013, *Rainha D. Amélia. Uma Biografia*, Lisboa, A Esfera dos Livros.
- S.A., s.d., «Museu de Fotografia da Madeira – Atelier Vicente's», *Cultura Madeira*, Funchal, Secretaria Regional do Turismo e Cultura, disponível em <https://cultura.madeira.gov.pt/museu-de-fotografia-da-madeira-atelier-vicente-s>, consultado a 10-09-2021.
- SILVA, Susana Serpa, 2001, «Achegas para outras Leituras da Visita Régia ao Arquipélago dos Açores», in *Insulana*, n.º LVII, Ponta Delgada, pp. 19-56.
- SILVA, Susana Serpa, 2009, «Em Torno da Visita Régia de 1901 aos Arquipélagos da Madeira e dos Açores», in *Arquipélago. História*, 2.ª série, XIII, disponível em [https://repositorio.uac.pt/bitstream/10400.3/1235/1/SusanaSerpaSilva\\_p157-176.pdf](https://repositorio.uac.pt/bitstream/10400.3/1235/1/SusanaSerpaSilva_p157-176.pdf), consultado a 18-03-2021.
- SÔNIGO, Márcio Jesus Ferreira, 2010, «A Fotografia como Fonte Histórica», *Historiæ*, vol. 1, Rio Grande, pp. 113-120.
- SONTAG, Susan, 2015, *Ensaio sobre Fotografia*, Lisboa, Quetzal Editores.
- SOUSA, Jorge Pedro, 2020, «Apontamentos sobre a Génese da Cobertura Gráfica da Atualidade em Portugal: da Xilogravura ao Fotojornalismo (1835-1914)», in BAPTISTA, Carla e SOUSA, Jorge Pedro (org.), *Para a História do Jornalismo em Portugal*, Lisboa, ICNOVA – Instituto de Comunicação da Nova, pp. 315-343, disponível em [https://research.unl.pt/ws/portalfiles/portal/19431873/Para\\_uma\\_histo\\_ria\\_do\\_jornalismo\\_em\\_Portugal\\_2020.pdf](https://research.unl.pt/ws/portalfiles/portal/19431873/Para_uma_histo_ria_do_jornalismo_em_Portugal_2020.pdf), consultado a 12-02-2021.
- SOUSA, Jorge Pedro, 2020, «Iconografia do Progresso Técnico Português em Sete Revistas Ilustradas do Fontismo (1851-1887)», in BAPTISTA, Carla e SOUSA, Jorge Pedro (org.), *Para a História do Jornalismo em Portugal*, Lisboa, ICNOVA – Instituto de Comunicação da Nova, pp. 345-373, disponível em [https://research.unl.pt/ws/portalfiles/portal/19431873/Para\\_uma\\_histo\\_ria\\_do\\_jornalismo\\_em\\_Portugal\\_2020.pdf](https://research.unl.pt/ws/portalfiles/portal/19431873/Para_uma_histo_ria_do_jornalismo_em_Portugal_2020.pdf), consultado a 14-02-2021.
- VIEGAS, Paula Cristina de Pinho Coelho Cintra, 2018, *Mulheres Fotógrafas em Portugal (1844-1918). Maria E. R. Campos – 1ª Photographa Portugueza*, Dissertação de Mestrado, Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, disponível em <https://repositorio.ul.pt/handle/10451/39555>, consultado a 25-03-2021.